



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Título da Disciplina: Tópicos Especiais em Ciência Política I Código: EGH 00.172

Subtítulo: Leituras sobre Ceticismo e Dialética

Professor: Cesar Kiraly

Período: 2012/01

Horário: Quarta-Feira de 16 às 19h

Programa

O estudo das proximidades e distâncias, representativas, entre as tradições do ceticismo e da dialética nos leva a perceber que nem todo pessimista é cético e nem todo cético pessimista. Mas a despeito dessa aparente obviedade é necessário considerar o estilo e, o que podemos chamar, a circunstância cética da enunciação, mesmo de autores pessimistas que se afastam do ceticismo. A inovação formal parece ser a característica mais marcante da situação enunciativa que faz com que o dogmático não possa sê-lo – a despeito mesmo de sua obra tentar neutralizar o acidente –, ela é anuladora das pretensões dogmáticas dos que por ela foram capturados.

Para tanto, faz-se necessário realizar um esforço de epistemologia cética sobre a percepção dogmática acerca da capacidade de vínculo direito entre a visão, em sua acepção metafísica, e a verdade, ou, de uma suposta separação entre o olho e a verdade. Trata-se de questionar a separação entre a visão e olho. Mas, para isso, de cindir a legitimidade da homologia entre visão e verdade. Por esse motivo não serão estudadas obras que se persuadem da unicidade, mas obras que aderem parcialmente, mas que também agonizam ao rejeitá-la. A ideia é buscar uma metafísica do olho, oposta a da naturalização da verdade, que evidencie que a visão é um efeito da historicidade da verdade e do olho.

Parece-nos que a natureza metafísica do olho é feita da mesma matéria da circunstância cética de enunciação. Ou seja, aquilo que impede que o dogmático possa enunciar o dogmatismo é a mesma forma que impede que a visão possa prescindir da história do olho. Assim, também investigaremos as variações em crise da visão, tal como a cegueira. Temos como indício de que talvez seja a angústia o que impede o dogmático de não admitir a historicidade do olho. Ou, melhor ainda, ela o entrega nos braços da inovação formal. No que concerne diretamente à política: é a história do olho que permite a percepção da crueldade, o que impede o seu aprofundamento. Dessa forma, iniciaremos o curso da mesma forma como

terminaremos, indagando se existe na imagem um centro fundamental angustiado, e se o esforço de vê-lo, ao invés de caracterizar algo na imagem que não é imagem, *mostra* a dialeticidade da imagem. Se a circunstância cética impede que o dogmático seja dogmático, obrigando-o à inovação formal, a angústia impede que a lógica da imagem seja separada da imagem. Trata-se, pois, de uma vitalidade interna à imagem, mas que não se confunde com a paixão humana que a anima. Em outras palavras, a angústia é algo que está nas coisas, mas que não se confunde com as paixões que instituíram a imagem. A angústia seria o repositório da imagem dialética, e não a falência cognitiva que daria lugar à província da essência, em outras palavras, ela seria dependente não das paixões humanas, a não ser para instituí-la ao mesmo tempo, e silenciosamente, à imagem, mas da vitalidade humana. Isso quereria dizer que a natureza humana pode animar o seu mundo de modo acidental à paixão. O mundo humano poderia ser animado não só pela passionalidade, mas pelo gosto pelo mundo humano. A angústia mostraria que o mundo humano é animado também quando se o assiste como algo que se anima a si próprio.

Bibliografia

- Benjamin, W. (2004). Prólogo Epistemológico-Crítico. Origem do Drama Trágico Alemão. A. Alvim. Lisboa.
- Derrida, J. (1990). Mémoires d'Aveugle: l'autoportrait et autres ruines. Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux.
- Diderot, D. (2000). Carta sobre os Cegos. Obras I - Filosofia e Política. J. Guinsburg. São Paulo, Editora Perspectiva.
- Eagleton, T. (2010). "Fé e Razão." Serrote(4).
- Freud, S. (2001). Inibições, Sintomas e Angústia. Rio de Janeiro, Imago.
- Hegel, G. W. F. (1941). Préface. La Phénoménologie de L'Esprit. T. p. J. Hyppolite. Paris, Éditions Aubier Montaigne.
- Hegel, G. W. F. (1995). Section Two: Period of the Thinking Understanding Chapter II. — Transition Period, A Idealism & Scepticism. Lectures on the History of Philosophy, Volume 3: Medieval and Modern Philosophy. Lincoln, University of Nebraska Press.
- Hume, D. (1898). A dissertation on the passions. The Philosophical Works of David Hume. T. H. G. e. T. H. Grose. London, Longmans, Green, and Co.
- Hume, D. (2001). Tratado da natureza humana. São Paulo, Editora UNESP.
- Kierkegaard, S. A. (2010). O Conceito de Angústia. Petrópolis, Editora Vozes.
- Kierkegaard, S. A. (2010). O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates. Petrópolis, Editora Vozes.
- Kiraly, C. (2010). Os Limites da Representação: um ensaio desde a filosofia de David Hume. São Paulo, Giz Editorial.
- Lacan, J. (2005). O Seminário, Livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- Lukács, G. (2009). A questão do parlamentarismo. Representação Política. D. P. Aurélio. Lisboa, Livros Horizonte.
- Lukács, G. (2009). The Metaphysics of Tragedy. Soul and Form. J. T. Sanders and K. Terezakis. New York, Columbia University Press.
- Lukács, G. (2010). "Anotações sobre o Materialismo Burguês." Crítica Marxista(31).
- Montesquieu, C. d. S., Baron de (2003). Cartas Persas. São Paulo, Martins Fontes.
- Starobinski, J. (2003). Prefácio. Cartas Persas. São Paulo, Martins Fontes.